SERMAM
DA QUARTA DOMINGA
DA QUARESMA,

QUE PREGOU NA SE DE COIMBRA, presente o Illustrissimo Senhor Bispo Conde,

O P. M. FREY FRANCISCO VIEYRA, Religioso de Santo Augustinho, Lente de Theologia jubilado em sua Religião, Doutor pela Universidade, Consultor do santo Officio, & Reitor do seu Collegio de nossa S. da Graça da mesma Universidade,

OFFERECIDO

AO ILLUSTRISSIMO, & REVERENDISSIMO SENHOR

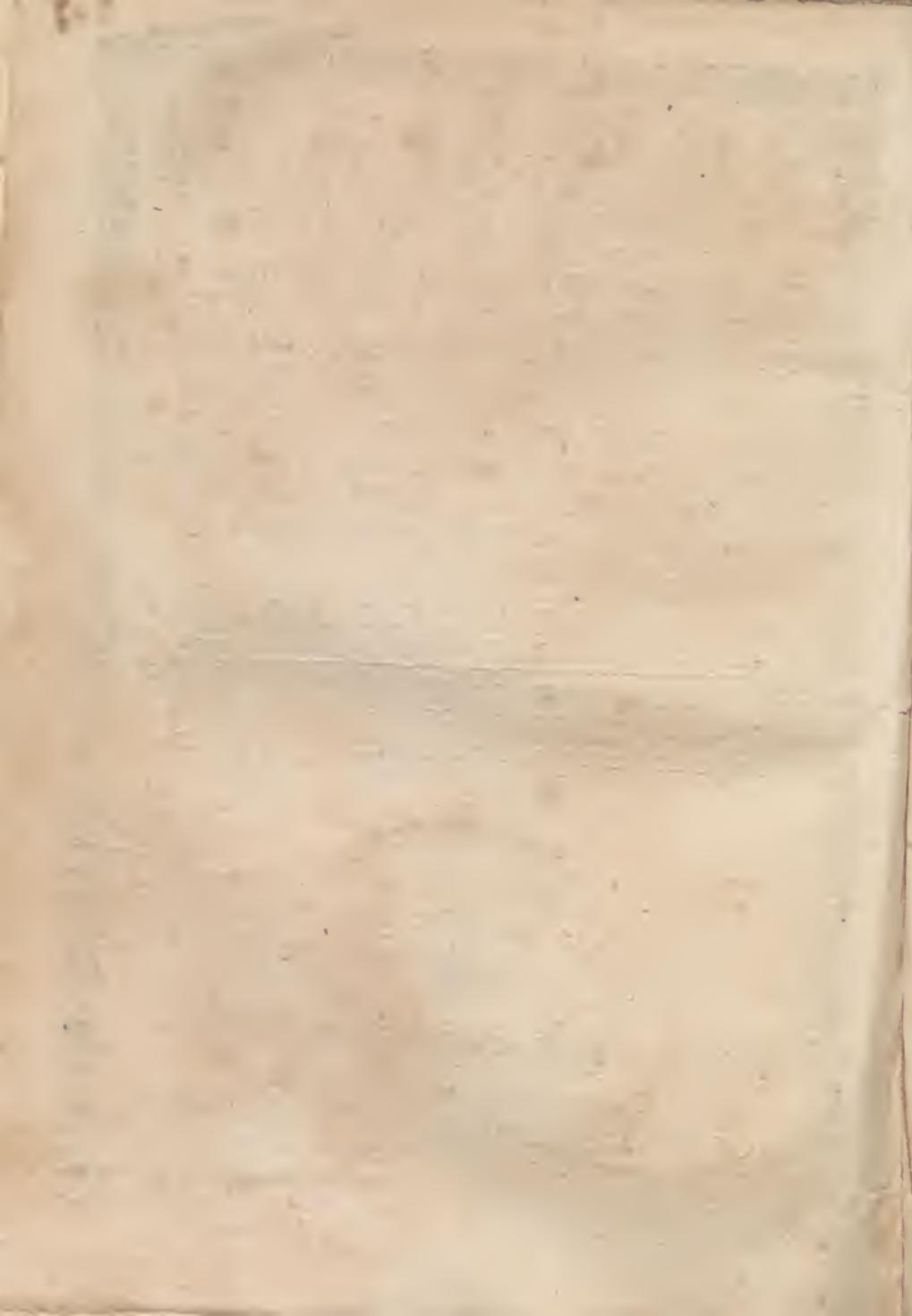
D. JOSEPH DE MENEZES,

Bispo de Lamego, & eleito Arcebispo Primàs.

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do S.Officio.

ANNO M. DC. XCI.

Illuſtriſſimo, & Reverendiſſimo Senhor.

O templo Delphico foi venerado o Principe das luzes ſupremo Arbitro das ſciencias: & entre os muitos, que no obſequioſo do culto deſempenhavão a obrigação de ſeu voto, achamos que tambem as aveſinhas ſe faſião lugar, ſacrificando de ſuas azas limitadas pennas. Por mais que ſua heroica modeſtia de V. Illuſtriſſima ſe offenda, não póde o mundo eſconder os ouvidos aos clarins da fama; porque perennemente bradão que do Oriente de ſua eſclarecida Proſapia he voſſa Illuſtriſſima animado Sol em ſeu Oriente, ſe tambem pelos luminoſos rayos de ſua erudição, & claros reſplendores de ſuas virtudes, entre os Principes Prelados da Igreja, o Prelado verdadeiramente Principe; & tudo ſem a menor inveja dos outros Prelados, que ſão ſeus irmãos, porque ſendo voſſa Illuſtriſſima Sol como Joſeph, elles ſe contentão com o venerar eſtrellas: Quaſi ſtellas undecim adorare, &c. *Já hoje reconhecemos a voſſa Illuſtrîſſima predeſtinado para huma Igreja, que nas Heſpanhas tem de jure a primaſia. Mas que Aſtro havia de ſer aſſumpto a eſta quarta esfera, ſenão o Sol. Se ponderarmos o gyro de voſſa Illuſtriſſima pelo zodiaco do Orbe Luſitano, havemos de ver que o principal,*

Geneſ. 37.

cipal, que lustrou, & que illustrou, foi Coimbra em sua Universidade, Faro, & Lamego em suas Igrejas, & por consequencia Braga agora por sua Primasia he a esfera quarta. A hum Sol pois tão soberano, & já com sagrados respeitos ao templo Primás mais augusto, que o Delphico, me animo consagrar esta pobre victima levado do amor de subdito, & da cõfiança de pobre, que hum Mendicante por sua profissaõ, & habito, naõ podia offerecer mais que hum papel todo pobresa pela materia, & pela forma ainda mayor pobresa; bem que essa mesma rasaõ favorece mais ao meu empenho, porque os Prelados saõ o asylo, & o centro dos pobres: & para que entre todos fosse vossa Illustrissima o meu suspirado centro, acho força sa rasaõ na filiaçaõ de Augustinho, porque foi este insigne Prelado a Aguia da Igreja; & por eu naõ degenerar de seu filho, sempre consagrâra a vossa Illustrissima de minhas tenras azas as pennas, visto que para a esfera do Sol ainda as tenras Agüias por sympathia dirigem os voos, & levantaõ os olhos. Guarde Deos a vossa Illustrissima muitos annos, para lhe faser grandes serviços.

De V. Illustrissima mais humilde servo,
& affectuoso orador

Fr. FRANCISCO VIEYRA.

AVE MARIA.

ET CVM GRATIAS EGISSET, DIStribuit diſcumbentibus. Joan. 6.

GRANDE aſſumpto por todas as circunſtancias offerece hoje a ſorte a meu limitado diſcurſo no Evangelho, (Illuſtriſſimo, & Reverendiſſimo Senhor) grande aſſumpto por todas as circunſtancias, dizia eu, offerece hoje a ſorte a meu limitado diſcurſo no Evangelho; porque o Evangelho, que commũmente ſe diz do Banquete, conſta do Texto de S. Marcos, que ſe compunha de temporaes, & eſpirituaes igoarias: *Cœpit illos docere multa*; o aſſumpto he de miſericordias: *Miſertus eſt eis*; o lugar de doutrinas: *Prædicate Evangelium*; o tempo de penitencias: *Nunc tempus acceptabile*; a Dominga de eſmolas: *Nec habent quod manducent. Diſtribuit diſcumbentibus*; & finalmente o auditorio figurado nas turbas: *Sequebatur eum multitudo magna.*

Marc. 6.

Marc. 16.

2. ad Corinth. 6.

Seguião hoje a noſſo Redemptor Jeſu Chriſto mais de ſinco mil & tantas peſſoas de hum, & outro ſexo, cuja pobreſa, & neceſſidade paſſou a tal extremo de miſeria, que miſericordioſo o Senhor, ſe vio obrigado a porlhes a meſa. Sinco pães, & dous peixes ſe multiplicàraõ miraculoſamente em tal fòrma, que remediada, & ſatirfeita toda aquella gente, ainda ſobejou exceſſo de paõ, porque os Apoſtolos recolhèraõ, & guardáraõ paõ em conſideravel exceſſo: *Impleverunt duodecim cophinos fragmentorum.* Eſte o principal ponto de noſſo Evangelho, cuja expoſição me pareceo foſſe a de tres ſingulares Doutores, & inſignes

Santos, meu Padre Santo Auguſtinho, S. Joaõ Chryſoſtomo, & Santo Hilario. Eſtes grandes Padres diſcordão na expoſiçaõ, ſendo todos Aguias na intelligencia, porq̃ Auguſtinho entendeo que o paõ ſe multiplicou hoje nas mãos do Senhor; Chryſoſtomo teve para ſi que ſe multiplicou nas mãos dos Apoſtolos: & Hilario foi de parecer, que ſe multiplicou nas mãos do pobre, & neceſſitado povo.

P. Auguſt. Chryſoſt. & Hilar. apud Sylv. hic.

Porèm eſtes tres grandes juiſos ao parecer encontrados, me dão luz a que forme hoje, ſe me não engano, hum bem novo, & bem fundado juiſo, porque pondo os olhos da conſideração neſte doutiſſimo, & illuſtriſſimo congreſſo, acho vem a ſer hum corpo myſtico, cuja cabeça he o Prelado, cujos hombros ſaõ o Cabido, & cujos membros, que reſtaõ, ſaõ o mais do auditorio; & ſe bem ſe repara, tudo ſe retrata hoje em o noſſo Evangelho, porque o povo nas turbas, o Cabido nos Apoſtolos, & o Prelado em Chriſto; & todos no exemplo da eſmola prattição a melhor doutrina para noſſo exemplo. Chriſto, como idea do Prelado, os Apoſtolos, como exemplar do Cabido, & o povo de então, como eſpelho do povo de agora. Chriſto miſericordioſo eſmoler enſina ao Prelado a eſmola, que deve dar: os Apoſtolos ao Cábido a que devem diſtribuir; & o povo enſina á pobreſa deſta a eſmola, que deve pedir, & receber. Eſtà o Sermão brevemente fundado, & dividido: vamos ſeguindo a ordem do aſſumpto, ſem deviarmos hũ apice da rigoroſa formalidade do Evangelho.

Primeiramente deve o Prelado dar eſmola não ſó da faſenda para remedio dos pobres, mas do exemplo da vida para reformação dos coſtumes: de hũa, & outra eſmola neceſſitão as ovelhas miſeraveis: hão miſter que o Paſtor as ſoccorra, porèm muito mais neceſſitão de que o Prelado as reforme: a reformação da vida he a principal eſmola, porque a falta do amor de Deos, diz a Igreja, he a mayor pobreſa dos homẽs: *Pauperes facti ſumus nimis.* Eſta lição deu hoje o Senhor no deſerto aos que ſaõ ſenhores,

Eccleſ. 19. in offic. temp.

nhores, & Prelados no mundo, porque no texto dos outros Evangelistas achamos, que pregou hoje jà com as forças de seu espirito, jà com a efficacia de seu exemplo: & não podemos duvidar, que a espiritual pobresa daquella gente bebesse o melhor pasto da alma na fonte da eterna vida: *Sequebantur eum delectati specie, & eloquentiâ ejus*, disse ao intento Carthusiano.

Carthus. sup. hunc locum.

Seja pois o principal emprego do bom Pastor a esmola do espirito, & do bom exemplo: & quando aconteça que a pobre ovelha desgarrada do rebanho de Christo se faça a monte, desprésando o remedio, o Pastor suba ao alto, arvorando o castigo; entendendo que tambem o castigo necessario he remedio unico, & que não he alheyo da misericordia o instrumento da justiça, porque no juiso do Ceo tambem os golpes da vara se reputaõ esmola.

No deserto se achava o povo de Deos em tão grande miseria, que estalava de sede: acode Moyses misericordioso, & compassivo a hũa pedra, para que dèsse ao povo agoa, & suppõem o Texto, que para este fim lhe falou, & outrosi que com a vara a ferio: *Percutiens virgá bis silicem*: todos sabem que a vara he instrumento da justiça. Agora pergunto: a justiça de Moyses que tinha que ver com o intento de sua compaixão? Tinha muito; porque Moyses era Ministro de Deos, General daquelle exercito, & naquella occasiaõ Pastor, & Prelado daquelle pobre, & necessitado povo: & como no tribunal de Deos se dem as mãos a misericordia, & a justiça, entendeo o bom Prelado era conveniente a vara da justiça, ainda quando mais se empenhava nos lances da misericordia. Falou Moyses àquella pedra, mandandolhe que dèsse agoa, rebelde a pedra, & endurecida não obedeceo ao imperio de sua voz: fora delicto a tal desobediencia, se aquelle penhasco fora capaz de delicto; mas essa apparente culpa, essa imaginaria pobresa da pedra remedea Moyses, porque a abranda, & dobra, & sabemos que a dobra, & abranda, porque a castiga: *Percutiens virgá bis silicem, egressæ sunt aquæ.*

Num. 20.

Daqui

Dáqui dedufo eu que efperar a pobre, & delinquente ovelha que o Paftor a favoreça, fem que a caftigue, não he efperar como Deos quer que fe efpere. Cuidar o pobre reo, que o Prelado he Paftor, & que não he tambem Juiz; perfuadirfe, que ha de ter em hũa mão a efmola, fem que tenha a vara na outra mão, he pobre cegueira, he miferavel ignorancia.

Grande ignorancia dos filhos do Zebedeo, quando por intercefsaõ de fua mãy pedião ao Senhor dous lugares por efmola. Por efmola? fi: efte meu penfamento fe prova do facto, porque aquella molher chegou ao Senhor toda obfequiofa, & reverente, & toda pedinte: *Adorans, & petens*. O defpacho defta fupplica da mãy foi de que pedião ignorantes os filhos: *Nefcitis quid petatis*. Ignorantes os pobres difcipulos? fi, porque a efmola que pedião, diz o Texto, que eraõ dous affentos, mas com efta differença, que ficaffe hum da parte efquerda, outro da parte direita do Senhor: *Vnus à dextris, & alius a finiftris*. Pediaõ que as mãos do Senhor fe dividiffem: a direita he a mão da mifericordia, a efquerda he a da juftiça, & intentarem aquelles homẽs, que o fupremo Senhor, & Prelado Chrifto fifeffe merces, ou concedeffe efmolas cõ huma mão fem a outra, prefumirem que as mãos defte foberano Prelado ainda no favorecer fe não davaõ as mãos: imaginarem que na cafa defte Divino efmoler pudeffe haver mifericordia fem juftiça, caridade fem rafaõ, oh que inexcufável cegueira, que reprehenfivel ignorancia! *Nefcitis quid petatis.*

Matth. 20.

De forte que o bom Prelado affi deve fer mifericordiofo, que tambem feja jufto, que por iffo David falando do Senhor em quanto efmoler, fe explicou por termos dignos de voffa attençaõ: *Difperfit, dedit pauperibus, juftitia ejus manet in feculum feculi*. Deu o Senhor efmola aos pobres, quer dizer, & nefta acçaõ exaltou a fua juftiça. Olhai o que dizeis, Profeta Santo, porque a efmola em boa Theologia naõ he materia da juftiça, fenão da mifericordia;

Pfalm. 91.

cordia; dizei logo que Deos esmoler he Prelado misericordioso, & não digais que se inculca Juiz recto: mas deixai, que discorre divinamente David: não tem Deos acção, que não seja de Juiz misericordioso, & de Prelado justo, porque atè o castigar de Deos, que sempre respeita o bem de nossas almas na reforma de nossos costumes, sendo acto de sua justiça, he imperado pelo affecto de sua misericordia: *Dispersit, dedit pauperibus, justitia ejus manet in seculum seculi*. Nem podem ter melhor lugar aquelles dous textos, ao parecer encontrados, em que o Senhor se descreve entrando neste mundo em som de guerra: *Multitudo militiæ cælestis exercitus*, & outrosi com bandeira de paz: *Et in terra pax hominibus*. A guerra argumento he de sua justiça, porque he effeito de sua indignaçaõ; a paz final he de sua misericordia, porque he frutto de sua caridade. E pois o Pastor, & Prelado do Ceo entrando a pastorear o rebanho desgarrado do mundo, vem pacifico, & tambem guerreiro? Si, & não ha contradicção, nem repugnancia, porque dessa guerra a justiça tambem he osculo de paz da misericordia: *Iustitia, & pax osculatæ sunt*, esse castigar he favorecer, esse dar batalhas, he dar espirituaes esmolas, seja a genuina rasaõ, porque a paz he com os homẽs: *Pax hominibus*, & a guerra he cõ seus màos costumes: *Cælestis exercitus, quia potentissimè contra impios pugnant*, commenta o Alapide.

antinomia

Luca 2.

Psalm. 8.

Alap. hic.

Admiravel jeroglyfico de hum Prelado me parecia de Noe a arca, & do Ceo o Iris, porque o Iris, que nas cores do Ceo annuncia paz, tambem na fòrma de arco pregoa guerra: porque a arca aos mesmos, que conduzia como nao, fechava tambem como prisaõ. Não pareça cruel o Prelado, que reprehende, ou que castiga, procede piedoso como pay, a sua reprehensaõ he favor, porque he remedio, o seu castigo he esmola, porque he medicina.

Admittio Christo que lhe chamassem filho de hum carpinteiro: *Non ne hic est fabri filius?* & tambem não recusou o tivessem em conta de lavrador: *Pater meus*

Matth. 13.
Io. v. 15.

 agricola

agricola est. E pois o exemplar dos Prelados com estes dous titulos? Si,porque denotão a obrigação do bom Pastor, & do bom Pay: o carpinteiro corta, o lavrador planta; porèm o carpinteiro muitas veses desbasta a golpes hum cepo, a fim de que saya a imagem de hum Santo: o lavrador com o seu arado rompe a terra, mas se a rompe, & castiga nos cortes do arado, logo lhe enche as boccas na sementeira do trigo: corta para favorecer,castiga para remediar. Ah Ministros de Deos, ah Prelados, & Pastores dos homẽs! bõs lavradores para ser bõs Prelados, bõs officiaes para proceder como bõs ministros: *Fabri filius, Pater meus agricola est.*

Lugar de pay tem o bom Pastor, aceite-se a esmola de sua doutrina, de sua advertencia, de sua reprehensaõ, como de mão de pay. Considere-se q̃ se algum hora, qual o Pastor David, arvora o cajado, ou dispara a funda, he para desviar a pobre ovelha do precipicio, ou para encaminhalla a melhor pasto. Todos os peccadores saõ pobres, como jà adverti, & agora noto que saõ pobres cegos, porque a culpa nas letras sagradas he cegueira, que offende, & lastima os olhos d'alma: mesinhas que ardem se applicão aos olhos enfermos,quando se curaõ. São as ovelhas racionaes para o Pastor, quaes filhos para os olhos de seus pays: assi o pratticou hoje Christo no Evangelho: *Cùm sublevasset ergo Iesus oculos, & vidisset, &c.* No antigo testamento em hum, & outro Tobias se prova tambem que os filhos saõ os olhos dos pays, porque jà reprehendendoos, jà castigãdoos,mostraõ quererlhes como a seus olhos.

Que o sangrador me aperte o braço, me rasgue a vea, & me verta o sangue, & que sobre isto lhe seja eu obrigado, que lhe fique devendo dinheiro! Si, porque se me causa huma escaça dor, he para evitarme huma maligna febre, & naõ hei de pòr os olhos na dor, que sinto, senaõ na melhoria, que espero.

Da vara de ouro,que Assuero tinha na maõ por sceptro, & in-

& insignia real, bejou Esther â ponta, ou extremidade, & naõ mais: *Quæ accedens, osculata est summitatem virgæ ejus*: tocar com a bocca o que se recebe, he sinal de estimaçaõ, & de agradecimento, pois como se mostra Esther taõ cortesã, & taõ agradecida tocando, sòmente daquella vara a ponta? Direi, porque nas pontas das varas costumão nascer os fruttos, & na vara do castigo deve-se olhar para o frutto, que resulta, naõ para o golpe, que magòa: attendeo obsequiosa Esther ao termo, em que as varas se remataõ, ensinandonos a agradecer o fim, a que os castigos se encaminhaõ: *Quæ accedens, &c.* Semelhante doutrina prègaria hoje Christo là no campo: *Cœpit illos docere multa*, & nem por isso lhe podemos applicar a ironia de que prègava no deserto; porque na sentença do Anjo das escolas, o auditorio da pobresa naõ malogrou hoje os misericordiosos fruttos daquella divina vara, verdadeiramente animada do mayor exemplo, & do melhor espirito: *Distribuit distribuit discumbentibus; cœpit illos docere multa.*

Esth. 5.

D. Thom. apud Sylv. hic.

Alem das esmolas espirituaes, que atègora ponderámos, deve tambem o Prelado dar de sua fasenda muitas esmolas. Sua fasenda disse, mas com esta differença, que naõ he sua, senaõ quando a dà. Ensina o Apostolo que os Prelados naõ saõ senhores, senaõ dispenseiros: *Sic nos existimet homo ut ministros Christi, & dispensatores*, por isso sò pòdem dizer he sua a fasenda, quando a dispenderẽ por esmola. Seu chamou Christo ao Corpo do Sacramento, quãdo o deu aos homẽs em igoaria no Cenaculo: *Accipite, & manducate, hoc est Corpus meum*. Mas se o Senhor dà Sacramentado o Corpo, como naõ transfere o seu dominio? he dos homẽs *accipite*, & ainda fica seu *meum?* Si, porque o Corpo Sacramentado do Senhor, diz a Igreja, que foi esmola: *Manducat Dominum pauper, servus, & humilis*; & essa he da esmola a singularidade, que o seu dispendio he o seu dominio, para se possuir, ha-se de dar: *Accipite Corpus meum.* Naõ segue a esmola o rigor das outras datas.

1. ad Corinth. 4.

Eccles. in Consec.

In fest. Corp. Christ.

 Que-

Questão he bem altercada nas escolas: se no mesmo instante póde a cousa ser de dous senhores; porèm ser no mesmo tempo a esmola do pobre, & do esmoler, da ovelha, & do pastor, do miseravel subdito, & do caritativo Prelado, he materia, que naõ tem questaõ: *Accipite, Corpus meum.*

Abraõ pois as mãos os Prelados, multiplique-se o paõ em suas mãos, & naõ se abraõ para se fechar, mas para se estender: *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem.* He o que pratticou hoje o Senhor no deserto, & depois no Calvario. No Calvario estendeo os braços em sua Cruz, & logo abertas cõ os cravos as mãos, dispendeo com a espiritual pobresa do mundo o thesouro de seu preciosissimo Sangue, verdadeiramente thesouro infinito, & na Cruz bem achado. Oh se as Cruzes, que os Prelados trazem ao peito, escondessem o thesouro da pobresa em seu coraçaõ! Là escreve o Eusebio no livro das virtudes, que o Emperador Tiberio o Catholico mandando levantar do chaõ hũa Cruz, achou que nesse lugar se escondia hum thesouro. Os peitos dos Prelados saõ os lugares, em que se achaõ as Cruzes: naõ me persuado que tenhaõ o coraçaõ em outros thesouros, porque entendo q̃ trazem a pobresa, como se fosse thesouro, no coraçaõ; & que triunfando dos affectos da avareza, & impiedade, abrem as mãos para colher as palmas da misericordia: *Manum suam, &c.*

Proverb, 31.

Eusebio Nierenb.

Entendo outrosi que para seu exemplo se exalta hoje Christo na eminencia de hum deserto, qual piedosa palma: *Quasi palma exaltata sum in Cades*; q̃ naquelle Jericò da beneficencia assiste qual caritativa rosa: *Quasi plantatio rosæ in Ierichò*; & que naquelles dilatados campos da caridade fructifica, qual mysteriosa oliveira: *Quasi oliva speciosa in campis*; ensinando aos Prelados, & Pastores do mundo, que para a pobresa, & miseria de seus rebanhos sejaõ oliveira, rosa, & palma: palma, de quem diz Plinio, que tem o coraçaõ nas folhas, & naõ occulto nas raizes: o cora-

Ecclesi. 24.

Plinius.

coraçaõ pois do bõ Prelado seja de palmã, manifestese todo aos miseraveis, cõmunique-se a todos: tenha coraçaõ de misericordia nas mãos, para que o Senhor, que vive nos pobres, o traga nas palmas: *Quãdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* A Fenis sobre o cume da palmeira faz o ninho, em que se abraza: naquella eminencia se erige funesto tumulo, em que se sepulta, se tambem glorioso berço, em q̃ renasce: tudo notou o Ouvidio, & eu noto que o exemplar dos Prelados Jesu Christo hoje em hum monte, como se fosse palma, se abraza em o fogo da caridade, como Fenis: *Misertus est eis.* A' sua imitaçaõ pois seja o Prelado piedoso Fenis, que caritativa se abraze; & se a palma quer dizer triunfo, entenda q̃ para renascer no Ceo, como a Fenis, deve triunfar misericordioso na terra como a palma: *Quasi palma exaltata sum in Cades.*

Matth. 25.

Seja rosa, & rosa que se planta: *Quasi plantatio*, para q̃ se inculque planta, quando rosa: fructificão as plantas, o Prelado seja rosa, que fructifique: pendaõ dessa planta racional os ramos da caridade, para q̃ a pobresa colha os fruttos da misericordia: advertindo que esses fruttos naõ sò se devem applicar para remedio da fome, senão tambem para medicina da saude, porque o supremo esmoler Christo deu hoje esmola de paõ aos necessitados: *Distribuit discumbentibus*, & deu tambem esmola de saude aos enfermos: *Virtus de illo exibat, & sanabat omnes*, empenhando aos Prelados de sua Igreja fosse cada hum delles na caridade rosa. Medicinal he desta flor a virtude, o Prelado amante da virtude, proceda qual rosa na caridade: *Quasi plantatio rosæ.*

Luca 6.

Seja finalmente oliveira: *Quasi oliva*. He symbolo da misericordia esta arvore, assi o prova a pomba do Diluvio, que em final de misericordia de Deos para com os homẽs, se voltou para a arca, levando na bocca hum ramo de oliveira: *Portans ramum olivæ*. Da arca se sahio aquella piedosa ave, porque a mandou Noe, a Igreja he a arca de

Genes. c. 8.

Deos neste mar do mundo, em que vivem os homẽs: *Mare magnum, & spatiosum manibus*. O Senhor he o Noe da arca, & o Prelado deve ser a pomba: aquella do antigo testamento, estando o mundo tão pobre, como alagado, no aperto daquella chea, na miseria daquella inundação, sahio a buscallo com o ramo de oliveira; mostrando que sendo o frutto desta arvore jeroglyfico da esmola: *Date nobis de oleo vestro*, deve o Prelado ser misericordiosa põba, que procure a pobresa com o annuncio da esmola, com o ramo da piedosa oliveira: *Quasi oliva speciosa in campis.*

Psalm. 103. Matth. 25.

2. Vio o Prelado em sua idea, que he Christo, as esmolas, que deve dar, vejaõ agora os Capitulares em seu exemplar, que saõ os Apostolos, as esmolas, que devem distribuir: *Distribuit discumbentibus: distribuit per manus Apostolorum*. Saõ os Apostolos os espelhos, a que hum Cabido deve compor as suas acções, porq̃ no Collegio Apostolico advirto eu retratado o seu ministerio. O Cenaculo considero eu a Sé do supremo Prelado Jesu Christo; o Collegio Apostolico era o Cabido da Sé. A occupaçaõ principal de hum Cabido, sabemos he cantar os Divinos Officios no coro, & consta do Texto, q̃ com o Senhor, & com este Divino Prelado cantavaõ alli os Apostolos os Divinos Officios: *Et hymno dicto*; *hymno decantato*, verte o Grego. Com tudo isso està, que aquelle sagrado Cabido para tudo tinha repartido o tempo. Como a caridade era a regra de sua vida, davão ao culto de Deos algum tempo, & o outro se occupavaõ em remediar os pobres por amor do mesmo Deos. Estamos no genuino ponto de nosso assumpto, & no facto do Evangelho. Là se achavaõ aquelles soberanos capitulares com seu Prelado Jesu Christo na eminencia de hum monte, & apenas advertem a necessidade das turbas, descem logo a repartir esmolas: *Distribuit per manus Apostolorum*. Em suas mãos se multiplicàraõ os pães, na sentença de Chrysostomo, & assi q́ advertìraõ o paõ multiplicado, tanto que conhecèraõ a abundancia do paõ, que lhes passava pelas mãos, logo se lembràraõ de o dispender,

& distri-

& distribuir com os pobres. Mas q̃ admiravel documento este para os Capitulares, que me ouvem. Por suas mãos passaõ os fruttos grossos, como costumão chamarlhes, & outrosi as distribuições quotidianas: agora eu me contentàra com que do grosso desses fruttos colhessem os pobres quotidianas distribuições. Não sem mysterio da providencia se diz massa a renda mais grossa. Senhores, o paõ da pobresa seja dessa massa: fiquemse com o sufficiente, & dem aos pobres o superabundante sobpena de não serem Capitulares de Deos. Não faz caso o Senhor dos q̃ querem tudo para si, porq̃ sò os que se accõmodaõ com o que basta, saõ Capitulares mais do agrado do Senhor. Bom texto, se eu me não engano em o nosso mesmo Evangelho.

Reparei, & he muito para reparar, q̃ só a Filippe commetteo hoje o Senhor a compra do paõ para remedio daquella pobre gente: *Dixit ad Philippum: Vnde ememus panes, ut manducent hi?* Notavel favor por certo! a Filippe? *Dixit ad Philippum.* E pois este Capitular entre todos ha de ser preferido para aquelle ministerio: nesta occasiaõ Filippe Apostolo mais mimoso, este o capitular mais favorecido? Si; naõ vedes que Filippe pedindo hum hora ao Senhor, que lhe concedesse o logro dos bẽs do Ceo na vista de seu eterno Pay, assi a elle como aos mais Apostolos, fez nesta fórma a sua supplica: *Domine, ostende nobis Patrem, & sufficit nobis;* Senhor, queria dizer Filippe, vejamos o rosto de vosso eterno Padre; & naõ mais, porque isto nos basta: *Sufficit nobis*; & homem, cujo desejo se satisfaz sò com hũ basta, *sufficit*, oh que excellente Capitular este homem! Na Sé de Jesu Christo este havia de ser o Ministro de seu especial legado; & como para si naõ queria senaõ o que lhe bastava, *sufficit nobis*, seguro estava da pobresa o remedio, por isso a este Capitular convinha a providencia da pobresa: *Dixit ad Philippum, &c.*

Ioan. 14.

Oh se quizesse Deos que este illustre Cabido constasse todo de Filippes! Ora eu assi o creyo; & supposto o facto, naõ he pequeno prodigio, bem se póde contar hoje com o

mila-

milagre do Evangelho; porq̃ naõ he facil de crer haja no mundo homẽs, que trattem da cõmodidade dos outros, & naõ sejão todos para a sua cõmodidade. Là vemos no texto de Isaias, que se empenha Deos em crear hum bom Ministro para remedio de seu povo, & parece que o não acha, porq̃ pergunta ao Profeta, quem ha de ser este Ministro? *Quem mittam, quis ibit nobis?* Dize-me Isaias, quem te parece que eu mande, aponta-me hum sujeito, que và: *Quis ibit?* E pois em todo o mundo naõ havia hũ homem para aquelle ministerio? Parece que naõ, & sabem porque? porq̃ Deos naõ perguntava quem iria trattar de si: *Quis ibit sibi*, senaõ quem fosse trattar dos outros: *Quis ibit nobis*. Se o Senhor dissera, quem irà para a sua conveniencia, facil era a resposta, mas entendia muito bem, q̃ atè os homẽs naõ costumaõ ir a negocio de Deos, sem que seja a fim de faserem o seu negocio: *Quem mittam, quis ibit nobis?*

Isai. 6.

E senaõ diseime; a que diligencias perdoaõ os homẽs a fim de conseguirem hũa dignidade, ou huma prebenda? Respondão os pretendentes da Curia, & ainda cà entre nós a cõmua experiencia. Porèm homem, pergunta o Senhor na voz da pobresa, homem menos caritativo, quanto mais ambicioso, a que fim procuras essa prebenda, para q̃ queres essa dignidade? por ventura he para ti, & para os outros, perguntaõ os pobres, he tambem para nòs? *Ibit nobis?* Responda agora a consciencia de muitos, porq̃ naõ sei se os accusa a sua consciencia. Se assi for, o que Deos naõ permitta, entendão naõ he isso o que hoje ensinaõ os Capitulares da Sé de Christo no seu exemplo: *Distribuit per manus Apostolorum*. O que ensinaõ he, q̃ na casa de Deos, na seàra de sua Igreja naõ ha de ser tudo desfruttar; porq̃ os pobres tem grande jus ao paõ dessa seàra. E quem naõ fiser caso mais q̃ de receber os dinheiros, & os trigos, sem se lembrar dos pobres necessitados, advirta que negandose aos exercicios da misericordia, tambem se nega a que delle se faça caso no livro da vida.

Deste livro he retrato o nosso Evangelho; & reparei eu

naõ

não pòde carecer de mysterio, que o Evangelista fisesse expressa mençaõ taõ sòmente dos homẽs, sendo certo que no banquete entràraõ molheres, & meninos: *Discubuerunt ergo viri, numero quasi quinque millia.* E pois neste livro da piedade, & misericordia de Deos, naõ se achaõ escritos senaõ os homẽs? *Discubuerunt ergo viri?* si, porq̃ os homẽs recebiaõ a esmola da mão dos Apostolos, & as molheres, & meninos logo a participavaõ tambem da sua mão, porèm esses meninos, & essas molheres no banquete não serviaõ mais que de comer, eraõ sò para si, recebião dos homẽs o paõ, & a ninguem mais davão esmola; & como o livro da piedade de Deos he livro da mayor resaõ, não convinha que de semelhante gente se fisesse caso naquelle livro: *Viri numero quasi quinque millia,*

He o homem arvore racional, que nos cabellos tem as raizes, no centro do corpo o tronco, nos braços os ramos, nos dedos das mãos as varas, & os fruttos digamos, q̃ saõ as esmolas; se as mãos de algum capitular, digo eu agora, não forem varas de caridade, de que pendaõ para a pobresa os fruttos da misericordia, naõ procede como arvore racional, he inutil tronco, & para o juiso do Ceo sò pòde ser arvore de Nabuco: *Succidite arborem.* Mas este para a pobresa tronco inutil, que longe està tambem de ser assumpto ao lugar de bom Prelado!

Dan. cap.4.

Symbolo do Collegio Apostolico, & por consequencia de hum Cabido, foraõ as varas dos doze Tribus, que contendèraõ em qual havia de ser eleito, & assumpto ao sũmo Sacerdocio. Sabemos do mesmo Texto, que a vara de Arão, ou que Arão pelo milagre de sua vara foi o preferido, porque levou a dignidade naquella opposiçaõ. Mas reparai no successo, que para o meu intento foi admiravel. Diz o Texto sagrado, que as varas dos outros oppositores entràraõ na opposiçaõ secas, & se ficàraõ secas, porèm a de Arão milagrosamente appareceo vestida de folhas, ornada de flores, & copada de fruttos. E diz o Zuleta, que os fruttos desta vara symbolizavão as obras de misericor-

Num. 17.

Zulet. sup. epist. Iacobi, cap. 2. § 49. num. 3.

C dia,

dia, ah si! as outras varas erão tão secas para estas obras? pois claro està, que não servião para aquella dignidade; a vara de Araõ si, que como nos fruttos misericordiosa, devia ficar eleita, & superior a todas como vara caritativa.

Laur. verb. Virga.

Ainda aqui tenho mais que ponderar; porque o Laureto, com Santo Augustinho meu Padre, & com Santo Isidoro diz, que da vara as folhas erão geroglifico das boas palavras; & eu digo, que se neste douto Congresso, se neste illustre Cabido existe algũa vara racional sem fruttos, que dispenda com a pobresa, porq̃ serão mais limitados os que colhe de sua prebenda, tem obrigação ao menos vestirse de brandas folhas; seja vara, que com a boa palavra se abrande; não seja vara seca; não responda com secura quando o miseravel lhe pedir esmola. Respondalhe; perdoe pelo amor de Deos, que assi despede consolado o mendigo, & ainda com alento, porque tambem he esmola, que sustenta. a boa palavra: *Non in solo pane vivit homo*, o homem não vive sò com o paõ, diz Christo. Notavel dizer por certo! E pois sem paõ, póde viver hum homem? Si, responde Christo, porq̃ pòde viver com a palavra: *Sed in omni verbo*; mas notai, ha de ser palavra, que procedá da bocca de Deos: *Sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei*. Se quando despedis sem esmola ao pobre, lhe dizeis, que perdoe por amor de Christo, procede a palavra da bocca de Deos, porque tendes a Deos na bocca; & com essa esmola de palavra boa vai passando o pobre, & parece que vive, porque tambem he esmola, que o sustenta essa boa palavra: *Non in solo pane, &c.*

Matth. 4.

Concluo jà o discurso em hum sò documento. Grande lastima a da pobresa deste povo nas cheas do rio. Poucos dias ha, que nos motivou à mayor cõmiseração a sua miseria, para cujo remedio suspira cà por este alto: cà no alto assiste com o Prelado o Cabido, desção àquelle valle verdadeiramente de lagrymas, soccorrão aquella pobre gente, porque tambem o supremo Prelado Christo com os seus Capitulares desceo hoje de hum monte a soccorrer a

pobre-

pobresa das turbas, que se achavão em hum valle. *Constitues eos Principes*, não se dedignàraõ aquelles esmoleres Principes descer para remediar: desção pois os Principes da beneficencia levados do impulso da caridade; dispendão, cortem, se necessario for, por algum excesso de seu estado, haja menos lusimento no tratto das pessoas, & no adorno das casas; porq̃ as casas, & pessoas dos pobres os esperão caritativos Soes, cortando por aquelle lusimento

Psalm. 44.

Para remedio de Ezechias, que na rasaõ de enfermo figurava hum pobre mendigo, diz o Texto sagrado, q̃ desceo o Sol ao relogio de Achaz, & podendo adiantar o lusimento em seu curso, sabemos q̃ voltou a traz o curso cortando por seu lusimento: *Reversus est Sol decem lineis*; & nem por isso ficou menos ayroso aquelle astro, que pela sua costumada beneficencia, com rasaõ o acclamão symbolo da caridade: seja pois o Capitular caritativo com o Sol naquelle mysterioso relogio; proceda regulando o curso de sua vida pelas leys da caridade em tal fórma, que pareça animado relogio, em q̃ luz, & arde o Divino Sol. Seja relogio de mão, & as cordas do amor de Deos sirvão de prisões a suas rodas: *In vinculis caritatis traham eos*: ande sempre ajustado, para que aponte com a mão o remedio: se desigual nos pezos, sempre igual no curso; o beneficio da esmola sempre a horas, porque naõ seja pezado beneficio: as rodas desse relogio racional desprezando as da fortuna, imitem sò da graça, & caridade as rodas: levelhe as attenções o Divino Amor, a cujo soberano impulso devem hoje os melhores Capitulares o misericordioso affecto, com que remediàraõ a pobresa das turbas, multiplicando os pães, que distribuìraõ nas esmolas: *Distribuit discumbentibus: distribuit per manus Apostolorum.*

Isai. 38.

Ozeæ 11.

3.

Resta o ultimo discurso, que toca à pobresa do povo. Brevemente. O que devem aprender das turbas os pobres, & miseraveis do nosso tempo, he que esmolas hão de receber, val o mesmo, que esmolas hão de pedir. A esmola q̃ o pobre deve pedir, & receber, he aquella que for precisa

 para

para remedio de ſua neceſſidade. Repartìraõ hoje os A-poſtolos as eſmolas dos pães, & dos peixes, mas com eſta differença, que derão não taõ ſómente o que baſtou para remedio daquella pobreſa, porque as ſobras do banquete mandou o Senhor, que ſe guardaſſem, para q̃ ſe não perdeſſem: *Colligite quæ ſuperaverunt fragmenta, ne pereant.* Era eſmoler prudentiſſimo, ſoccorria, & não deſperdiçava: os pobres tambem procedèraõ juſtificados, porq̃ com o neceſſario ſe derão por ſatisfeitos. Bõs pobres os daquelle tempo. Primeiramente obſervo, q̃ aquella gente era realmente pobre, & miſeravel; obſervo mais que pedião com raſaõ, porque tinhão neceſſidade: *Nec habent, quod manducent.*

Marc, 6.

Que o pobre realmente pobre peça a ſua eſmola, he juſto, & ſanto, mas que algũs furtem a cappa à pobreſa para receberem eſmolas com eſta cappa, iſſo não he ſaber pedir, chamolhe eu habilidade para furtar: *Si indigentiam ſimulat, ſe ipſum fallit, ſi rapit*, diſſe o noſſo, & tambem voſſo Santo Thomas de Villa nova. A eſtes pobres fingidos defino eu ladrões verdadeiros. Inſigne ladraõ foi Judas: *Fur erat*, diz o Evangeliſta, mas reparai na habilidade de Judas: não podia levar em paciencia, que a Magdalena diſpendeſſe a precioſidade de ſeus aromas na uncçaõ dos pès do Senhor alegando parecia mais conveniente venderſe para remedio da pobreſa: *Poterat enim unguentum iſtud venundari multo, & dari pauperibus.* De ſorte, que ſimulava o affecto da rapina com a cappa de huma fingida miſericordia, porque ſe aquelles aromas ſe vendeſſem hia o dinheiro para a bolça do Collegio Apoſtolico, & como a bolça eſtava na mão de Judas, vede em que mão, hia dar o remedio dos pobres! O pobre affectado he outro Judas no affecto: ſe não tem neceſſidade, naõ pòde em conſciencia levar a eſmola. Fingia Judas ter caridade com os outros, o pobre affectado finge, que tem caridade comſigo, eſte tal ſabe furtar, & não ſabe pedir: peça o pobre a eſmola, de que neceſſita, & não mais; porque

Serm 2. de D. Martino. fol. 551.

Joan, 12.

Matth. 26.

aſſi

assi quer Deos que se peça. Provo. & acabo.

Pobre de Christo he todo o homem Christão; he pobre tão necessitado, que todos os dias pede huma fatia de paõ no Padre nosso: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*. Esta oraçaõ instituhio o Senhor, porèm não sei se ouviraõ jà reparar nos mysteriosos termos desta oração: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*; o nosso paõ de cada dia nos dai hoje, *hodie*; de sorte que pedimos hoje o pão, que toca a este dia; mas porque não pedimos hoje o pão de àmanhã? Sabem porque? porque o pão de àmanhã he para àmanhã necessario, & para hoje he superfluo; & como Deos quer que lhe peção sòmente o necessario, por isso ensina q̃ àmanhã se peça o paõ de àmanhã; & hoje se peça sómẽte o paõ de hoje: *Panem nostrũ quotidianũ da nobis hodie*. Daqui entenda o pobre, se não pedir como realmente pobre, que não procede como Christão, porq̃ não póde ser fiel de Christo, quem por sua negligencia, & malicia não sabe a oração do Padre nosso.

Jà eu disse, que todo o homem Christão he pobre de Christo, agora concluo o sermão applicando a moralidade de seus discursos a todo o homem. Vimos no ponto do Prelado a esmola, q̃ deve dar com a doutrina de Christo: Vimos no ponto dos Capitulares a esmola, q̃ devem distribuir com o exemplo dos Apostolos: vimos finalmente a esmola que hão de pedir, & receber os pobres do povo à imitaçaõ das turbas do Evangelho, agora para conclusaõ de tudo resta outro melhor ponto na Catholica consideraçaõ, de que todos somos pobres, porque peccadores todos: *Pauperes facti sumus nimis*. He pobre o Prelado, he pobre o Cabido, he pobre o Auditorio, & mais pobre que todos o Prègador. A culpa nos priva da Divina graça, que he a melhor riquesa; & como a nossa pobresa seja a privação da graça, & amor de Deos, peçamos a Deos por seu amor que nos dè a sua graça. Jà que somos maos pobres, sejamos bõs pedintes. Muitos pedem a Deos os bẽs do seculo, sem q̃ façaõ caso dos bẽs do espirito: estes taes oraõ

Ponto Moral

 por

por si a Deos, não oraõ a Deos para si: O que havemos de pedir a Deos, he viver na graça do mesmo Deos: advertindo porèm que deve preceder a penitencia, para ser efficaz a supplica: por isso o nosso Portuguez Santo Antonio nos convida hoje para o banquete dizendo, que os pães significaõ as penitentes lagrymas, de que fala David: *Lacrymæ meæ panes*, & os peixes as boas obras das outras virtudes. He necessario pois que aplaquemos a indignação do Senhor com as boas obras, para que sejaõ bem ouvidas as nossas orações. Nos altares havemos de offerecer não sò os cheiros, mas os sacrificios: devemos subir ao outeiro do incenso pedindo, & tambem ao monte da myrrha sacrificando: *Vadam ad montem myrrhæ, & ad collem thuris; per myrrham carnis uostræ mortificatio figuratur*, diz S. Gregorio Papa. Jà de hoje daquelle deserto se ensaya nosso Redemptor para o sacrificio, que o espera no Calvario; porque o mar de Galilea, de que hoje fala o Evangelista: *Abiit Jesus trans mare Galileæ*, diz Ruperto, que he o mar de sua paixão, & que a nao he a sua Cruz. Com a cruz da penitencia podemos entrar com o Senhor na mesma nao: *Qui vult venire post me, tollat Crucem suam.* O tempo para a boa viagem he estremado, porque este he da penitencia o tempo: *Nunc tempus acceptabile*. Lá passou hoje o Senhor da outra parte do mar: *Abiit Iesus trans mare*; mar he o mundo: *Mare magnum*, procuremos passar pelo mundo em fórma, que tomemos porto da outra parte: *Trans mare*. O porto de Christo foi em terra, symbolo da eternidade: *Terra autem in æternum stat*, seja a eternidade o nosso suspirado porto.

Clementissimo Senhor, neste santo tempo, em que vos veneramos tão inclinado a remediar a miseria do nosso espirito: *Nunc dies salutis*, vos presentamos huma petição de miseria, & vossa esposa, & mãy nossa a Igreja nos ensina, qual ha de ser a petiçaõ. Notoria he a vossa piedade, & misericordia à nossa muita necessidade: *Pauperes facti sumus nimis*; tendes grande maõ para remediar os pobres, & mi-

D. Anton. Serm. hujus Dominicæ.

Psalm. 41.

Cant. 4.

D. Gregor. apud Laur.

Rupert. sup. hunc locum.

Matth. 16.

Eccles. c. 1.

2. ad Corinth. c. 6.

& miseraveis, dai-nos huma esmola de vossa maõ: *Adjuva nos Deus salutaris noster*. Gloria he da beneficencia todo o exercicio da liberalidade; & pois na voz daquella pobre gente adquiristes hoje nome de Principe taõ liberal, & tão benefico: *Vt raperent eum, & facerent eum Regem*, soccorei a pobresa de nossas almas, por amor da gloria do vosso nome: *Et propter gloriam nominis tui Domine, libera nos*. Finalmente, jà que vos dignastes ser hoje conhecido por tão misericordioso: *Misertus est eis: distribuit discumbentibus*. Conheçamos tambem nòs, que sois para nossos peccados, propicio: *Et propitius esto peccatis nostris*, por beneficio, & por esmola de vossa graça, penhor da gloria: *Ad quam nos perducat Iesus Christus Filius Dei. Amen.*

Ex Ecclesia.

LAUS DEO.

SERMON DE EL MANDATO,

QVE PREDICO EL REVERENDISSIMO PADRE Antonio de Vieira, de la Compañia de Iesus, en su Colegio de Lisboa.

Et vos debetis alterius lauare pedes, Ioannis 13.

CON estas vltimas palabras del Evangelio determino responder oy a las primeras, tantas vezes repetidas, y nunca bastantemente ponderadas: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo in finem dilexit eos*, como Christo amasse á a los suyos, que estavan en el mundo, al fin los amó mas. Es cierto, que el amor de Christo para con los hombres, desdeel primer instante de su Encarnacion, hasta el vltimo de su vida, siempre fue essencialmente igual; assimismo, nunca Christo amó mas, ni amó menos. La razon de esta verdad Theologica, es muy clara; porque si consideramos el amor de Christo, en quanto Hõbre, es amor perfecto, y lo que es perfecto no puede mejorarse: si consideramos el el amor de Christo, en quanto Dios, es amor infinito, y lo q̃ es infinito no puede crecer; pues si el amor de Christo, en quantó Dios, y en quanto Hõbre, no puede mejorarse, nî puede crecer, si el amor de Christo fue siempre igual sin excesso, siempre semejante à si mismo, sin aumento; si Christo tanto amó a los hombres en el fin, como en el principio; como dize el Evangelio, q̃ en el fin les amó mas? *In finẽ dilexit eos*. No es esta la duda q̃ me dâ cuydado. Respondẽ los Padres; q̃ vsó de estos ter-

terminos el Evangelista, nô porq̃ Christo en el fin amasse mas de lo que amó en el principio, sino porque hizo mas su amor en el fin, de lo que en el principio, y en toda su vida auia hecho.

El amor puede considerarse, ó por de dentro, quanto á los afectos, ó por afuera, quanto â los efectos. El amor de Christo, quãto a los afectos de dentro, tã intẽso fue en el principio, como en el fin; mas quã to a los efectos de fuera, mucho mas excessivo fue en el fin, q̃ en todo el tiẽpo de su vida. Entõces fuerõ mayores las demõstraciones, los extremos mayores; los rẽdimiẽtos mayores; las ternuras mayores: en fin, todas las finezas q̃ caben en vn amor humanamẽte Divino, y Divinamẽte humano; y por esso dize el Evãgelista, q̃ en el fin amô mas a los suyos, que al principio. *In finem dilexit, &c.*

Esta es la verdadera, y literal inteligẽcia del Texto, mas aora preguntarâ mi curiosidad, y puede preguntarlo tambien vuestra devociõ, supuesto q̃ en el amor de Christo las finezas del fin fueron mayores q̃ las de todo el tiẽpo de su vida; entre las finezas del fin, qual fue la mayor fineza? Esta cõparacion es muy diferente de la que haze el Evangelista. Compàra el Evãgelista las finezas del fin, cõ las finezas de toda la vida; y resuelve, q̃ las del fin fuerõ mayores. Yo cõpâro las finezas del fin entre si mesmas; y pregũto; destas finezas mayores, qual fue la mayor? El Evangelista dize quales fueron las mayores de todas, yo pregunto, qual fue la mayor de las mayores? Esta es mi duda; esta será la materìa del Sermon, y a ellas respõderân las palabras que propuse: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes.*

El estilo que guardare en este discurso, para que procedamos cõ mucha claridad, serà este. Referirê primero las opiniones de los Sãtos, y despues dirê tambien la mia; mas con esta diferencia, q̃ ninguna fineza del amor de Christo dirán los Sãtos, q̃ yo no dê otra mayor, y la fineza de amor de Christo que yo dixere, ninguno me ha de dar otra igual.

Pareceos mucho prometer? pareceos demasiado empeño este? Hâ Señor! que aora es el tiempo de reparar en q̃ estais presente [todo poderoso, y todo amoroso Iesus] bien creo, que en el dia enq̃ las fuentes de vuestra gracia están mas patentes, no me la negareis, Señor, para satisfacer a las promessas, a q̃ por parte de vuestro Divino amor me he empe-

ña-

ñado,mas para q̃ los coraçones humanos,acoſtumbrados a oir tibiezas con nombre de encarecimientos,no ſe engañen con la ſemejãça de las palabras,en deſcredito de vueſtro amor, protelto, que todo lo q̃ he de dezir de vueſtras finezas,por mas q̃ yo las quiera llamar las mayores de las mayores, no ſon exageraciones, ſino verdades muy deſafectadas;antes no llegã a ſer verdades, porque ſon agravio dellas.

Todos los que oy ſubimos a eſte lugar (y lo miſmo avìa de ſuceder a los Angeles,y Serafines, ſi â êl ſubîeran)no venimos a alabar,ni engrãdecer el amor de Chriſto, venimos a agraviarle,venimos a afrentarle,venimos a apocarle,venimos a abatirle cõ la rudeza de nueſtras palabras , cõ la frialdad de nueſtros afectos, con la limitacion de nueſtros encarecimientos,con la humildad de nueſtros diſcurſos , q̃ aquel que mas altamente hablò del amor de Chriſto,a lo mas agravîó menos. Oy Señor es el dia de la Paſsion de vueſtro amor , y mas padece él oy en las tibiezas de nueſtras lẽguas,de lo q̃ padeciſtes mañana cõ la crueldad de nueſtras manos;mas eſtas sõ las paſſiones del Divino Amor,quãdoſe aplica al humano;. eſtos ſon los deſaìres del infinito,y inmenſo,quando ſe dexa medir lo infinito por lo limitado. Vos,Señor,que ſolo conoceìs vueſtro amor,le engrandeced;vos que ſolo le cõprehendeis, le alabad ; y pues es fuerça,y obligáciõ que noſotros tambien hablemos, paſſe por vna de las mayores finezas ſufrirnos que en vueſtra preſencia digamos tampoco dêl.

§. I.

Entrando,pues, en nueſtra queſtion, qué fineza de Chriſto es oy la mayor de las mayores? Sea la primera opiniõ de San Aguſtin, dìze, que la mayor fineza del amor de Chriſto para cõ los hombres fue morir por ellos : y parece que el miſmo Chriſto quiſo q̃ lo entendieſſemos aſsi,quãdo dize:*Maiorem charitatẽ nemo habet,quam vt animã ſuã ponat quis pro amicis ſuis*,q̃ el mayor acto de caridad, y la mayor valẽtia del amor,es llegar a dar la vida por lo que ſe ama. Con licencia,empero, de S. Aguſtin,y de todos los Santos que la ſiguen,que ſon muchos;yo digo, que el morir Chriſto por los hõbres no fue la mayor fineza de ſu amor, mayor fineza fue en Chriſto el auſentarſe,q̃ el morir; luego

go la fineza del morir no fue la mayor de las mayores? discurro assi: Christo Señor Nuestro amó mas á los hombres, que a su vida; pruebase, porque dió la vida por amor de los hombres; el morir, era dexar la vida; el ausentarse, era dexar los hombres; luego mucho mas hizo en ausentarse, que en morir, porque muriendo dexava la vida que amava menos, ausentandose, dexava los hombres que amava mas. Alumbrado el entendimiento con la razon entra la Fé con el Evangelio.

Siens quia venit hora vt transeat ex hoc mũdo ad Patrẽ, sabiẽdo q̃ era llegada la hora de partir para el Padre. Repâro, y cõ gran fundamẽto en la palabra partir: de lo que habla el Evangelio, era morir, porq̃ el camino por donde Christo passó deste mundo para el Padre, fué la muerte; pues si el partir era morir, porq̃ no dize el Evangelista, sabiendo Iesus que era llegada la hora de morir; sino sabiendo q̃ era llegada la hora de partir? Por q̃ el intento del Evangelista, era encarecer, y ponderar mucho el amor de Christo. *Cũ dixisset, &c.* Y mucho mas encarecida, y põderada quedavá su fineza, diziendo q̃ partia, q̃ no diziendo, que moria: la muerte de Christo fue tã circunstanciada de tormẽtos, y afrẽtas padecidas por nuestro amor, que cada circunstancîa dellas, era vna nueva fineza; con todo, de nada desto hizo mencion el Evangelista, todo lo passó en silencio, porque halló, que encarecia mas con dezír vna sola palabra, q̃ se partia, que con hazer dilatadas relaciones de tormẽtos, y afrentas, aunque tan excessivas, que murió con ellas.

Que sea mayor la fineza de la ausencia, que de la muerte, no lo pueden dezîr los q̃ se van, porque mueré; solo á pueden dezir los que queda, porque viven; y assi en esta cõtroversia de la muerte, y la ausencia de Christo, avemos de buscar vn testigo vîvo, será la Magdalena, como quiẽ tã bien lo sabe sentir. Es mucho de ponderar q̃ llorasse mas la Magdalena en la madrugada de la Resurrecciõ a las puertas del Sepulcro, que no en el dia de la Passiou al pie de la Cruz: destas lagrîmas nada se dize en el Evangelio; de las otras hazen grande encarecimiento los Evangelistas: pues porquê lloró la Madalena mas en el Sepulcro, que en la Cruz? Discretamente Origenes: *Prius dolebat defunctũ modo dolebat sublatũ, & hic dolor maior erat*, quãdo la Madalena

vió

vió morir a Christo en la Cruz, le lloró difunto; quando halló menos a Christo en la sepultura, llorole robado, y eran aqui mas las lagrimas, porque era aqui mayor el dolor: mayor dolor aqui? Aora tengo yo mayor duda; mayor dolor es considerar a Christo robado, q̃ a Christo difũto? Si, porque el dolor de ver a Christo difũto, era dolor de muerte; el dolor de considerar a Christo robado, era dolor de ausencia, y es este mucho mayor dolor q̃ el dolor de muerte. Notad; tan muerto està Christo robado, como difunto; mas difũto, estava menos ausẽte, q̃ robado, porq̃ la muerte fue media ausẽcia; llevóle el Alma, y dexole el Cuerpo: el robo era ausencia total, llevóle el Cuerpo, despues de estar llevada el Alma; y como el robo era mayor ausencia del amado, por esso fue mayor el dolor del amante.

Mas con todo esso, Magdálena Sãta, trocad las corrientes a las lagrimas, que no van bien repartidas; lo q̃ os quitó la muerte fue a Christo vivo, lo q̃ os robó la ausencia, fue à Christo muerto; el biẽ que os quitó la Cruz, fue todo el bien; lo q̃ os falta en la sepultura, es sola vna parte dél, y la menor, que es el cuerpo: pues por què aveis de llorar mas por la perdida del muerto, q̃ por la perdida del vivo? Por la perdida de la parte, q̃ por la perdida del todo? En esso vereis quãto mayor es el mal de la ausencia, que el mal de la muerte; llora la Magdalena Sãta menos la muerte de vn vivo, que la ausẽcia de vn muerto; la muerte de el todo, que la ausencia de vna parte.

Y si el amor de la Magdalena, que era menos fino, hazia essa distincion entre la muerte, y la ausencia, què hará el amor de Christo, que es la misma fineza? Por dos argumentos lo podemos conocer. El primero, por los sentimientos que hizo en cada vno. El segundo, por el remendio que buscó a ambos. Quanto a los sentimientos, siendo assi que padeció Christo la muerte en aquella edad robusta en que los hombres acostumbran morir, haziendo extremos, no solo violẽtos, mas horribles, agonizando ansiosamente, como si la muerte luchara con la vida, y arrancãdose el Alma del cuerpo, como à pedaços, por la fuerça conque la naturaleza resiste al rompimiento de vna vnion tan estrecha, con todo esso Christo murió tan sossegada, y quieta muerte, como lo dizen aquellas palabras: *Inclinato Capite traddidit spiritũ*, q̃ en vida de

trein

treinta y tres años, sin otra violencia, ni movimiento mas q̃ vna inclinacion de cabeza, tiene misterio; bolvamos aora del Calvario al Huerto, y tendrêmos mas q̃ admirar. Quãdo Christo se despidió en el Huerto de sus Discipulos, dize el Evangelio: *Avulsus est ab eis*, que se arrancó el Señor de ellos, y que partiendose vn tiro de piedra empezô a agonizar: *Factus in agonia*: notad como estan trocados los terminos: agoniçar es de quiẽ está muriẽdo, y de quiẽ se le arrãca el alma quãdo se aparta de el cuerpo; pues si en la Cruz no huvo arrãcar, ni agoniçar, como lo huvo en el Huerto? Por q̃ en la Cruz muriò Christo; en el Huerto apartóse de sus Discipulos, y como el Señor sẽtia mas el ausentarse, que el morir, los accidẽtes q̃ auia de aver en la muerte, para padecerlos mas en su lugar, trocólos de la muerte, y passólos á la ausencia, siẽdo assi, q̃ el arrãcar avia de ser d l Alma, quando se apartó del Cuerpo. Christo fue el que se arrancó quando se apartó de sus Discipulos: *Avulsus est ab eis*, y siendo, que el agonizar de Christo avia de ser en el Calvario quando muriò, no agoníza sino en el Huerto, quando se apartò: *Et factus in agonia*, muriò Christo cõ la facilidad cõ q̃ los hombres se acostũbran ausentar, y ausentó se con todos los accidentes cõ que los hombres acostumbran morir.

Para ponderar mas bien lo fino desta fineza, que aun no está ponderada, avemos de conocer quê era en Christo el ausentarse, y que era el morir. El morir era aparrarse el Alma del Cuerpo; el ausentarse era apartarse êl de los hombres, y mas sufrible se le hizo a Christo la muerte, q̃ era apartamiento de si para consigo; y mucho mas sintió Christo el dividirse de nosotros, que el dividirse de si. Aun no está encarecîdo: Christo por la muerte dexó de ser Christo, porque en aquellos tres dìas avia Cuerpo de Christo en el Sepulcro, y Alma de Christo en el Limbo, mas no avia Christo; de manera, q̃ por la muerte dexó de ser Christo, por la ausẽcia solo dexó de estár cõ los hõbres, pero avia Christo; y sintió mas el amoroso Señor dexar de estâr con quien amava, que dexar de ser quien era; la muerte privóle el ser, la ausencia privóle del estár, y mas sintió Christo dexar de estar, que dexar de ser; mas sintió Christo la perdida de la compañia, que la destruicion de su essencia.

Vamos â los remedios. Si reparamos en las circunstan-

cias de la muerte de Christo; hallarêmos q̃ resucitô tresdias despues, y q̃ se Sacramentó vn dia antes: Christo pudiera anticipar la Resurreccîon, y no solo resucîtar antes del tercer dia, sino luego al otro ínstante despues de su muerte [q̃ para la Redencion bastava] de la misma manera pudiera Christo dilatar la institucion del Sacramento; y assi como se Sacramentó antes, Sacramentarse despues de resucitado; antes parece era mas conveniẽte al estado que Christo tiene en el Sacramento, que es de impassible; pues porq̃ razon no resucitó Christo sino tres dias despues de su muerte, y no se quiso Sacramentar sino vn dìa antes? Atẽded: la Resurrecciõ era remedio de la muerte, el Sacramento era remedìo de la ausẽcia, el remedio de la muerte dilatólo; el remedio de la ausencia previnóle; como la ausencia le dolia tanto aplicó el remedio antes de la llaga; como la muerte le dolia menos dexó el remedîo para despues.

Mas Christo ausẽntóse vna sola vez, assi como vna sola vez murió; pero reparad, q̃ el resucîtar fue vna sola vez, y el Sacramentarse fue infinitas vezes, todas las horas, y en todas lai partes del mundo; pues por que no se Sacramentó Christo vna sola vez, assi como sola vna vez resucitó? Porque como Christo sintió menos la muerte que la ausencia, contentôse con remediar vna muerte con vna vida; mas como sẽtia mas la ausencia, no se contentó cõ remedíar vna ausencia, sino con infinitas presencias: murió solo vna vez en el Calvario, y resucitó vna sola vez en el sepulcro: ausentóse en Ierusalẽ, mas hazese infinitas vezes presente en todo el mundo.

De puertas adentro del mismo Sacramento tenemos grandes pruebas: este misterio Sagrado de la Eucharistia, es Sacramento, y es Sacrificio: en quanto Sacramento del Cuerpo de Chrîsto, es presencia: en quãto sacrificio del mismo Cuerpo, es muerte; de aqui se sigue, q̃ tantas vezes muere Chrîsto en aquel Sacrificio, quantas se haze presente en aquel Sacramẽto. O excessiva fineza del amor! De manera, que cada presencia que Christo alcança por el Sacramento, le cuesta vna muerte por el Sacrificio: y quien compra cada presencia à precio de vna muerte, mirad si siente menos el morir, que el ausentarse. En el mismo Samẽto lo tenemos; el Sacramẽto del Altar, con ser vno, tiene estos dos misterios, es continua representacion de la muerte de Christo, y es continuo re-

remedio de su ausécia, y quã poco sintió el morir, y quanto sintió el ausentarse? El morir sintiòlo tan poco, que continuamente dize: *Mortẽ Domini anũtiabiatis*, entre la muerte, y la ausécia [aora aora acabo de entẽder el pũto] ay esta diferẽcia, q̃ la muerte cõtinua pareciòle al amor de Christo poca muerte, pero la ausẽcia aũ por vn breve instante pareciòle mucha ausencia, pues q̃ remedio buscarâ el amor de Christo? Instituyô vn Sacramẽto, q̃ fuesse jũtamẽte continua muerte, y presencia continua: muerte continua para morir, no solo por vn instante, mas por mucho tiẽpo: presencia continua para no ausẽtarse, no solo por mucho tiẽpo, mas ni aun por vn istante, de manera, que sintió Christo tanto mas el ausentarse, que el morir, que se sujetó a vna per perpetuidad de muerte, por no padecer vn instãte de ausẽcia, y como a Christo le costava mas la ausẽcia q̃ la muerte, reducido oy a terminos en que nos importava a nosotros el apartarse: *Expedit vobis, vt ego vadam*, no ay duda, sino q̃ mucho mas hizo en ausentarse por nosotros, que en morir por nosotros.

Y si me replicais cõ la autoridad de Christo: *Maiorẽ charitatẽ, &c.* que el morir es la mayor fineza. Respondo con Sã Bernardo, que habló Christo de las finezas de los hombres, y no de las suyas: y mas respõdo yo, que aunque hablasse de las suyas, se prueba mejor nuestro intento; porque si el morir es la mayor fineza: y el ausẽtarse, como hemos probado, do, es mayor que el morir, siguese, q̃ la fineza de ausentarse, no solo fue la mayor fineza entre las grandes, sino entre las mayores, fue vna fineza mayor que las mayores.

§. II.

La segunda opiniõ es de Sãto Tomas, y de muchos q̃ antes, y despues del Doctor Angelico tuvieron la misma: dize S. Thomâs, que la mayor fineza del amor de Christo, fue quedarse con nosotros quãdo se ausento de nosotros, y verdaderamente que el ir, y quedarse, el partirse, y no partirse, el quedarse quãdo nos dexava a nosotros, no ay duda, sino q̃ fue grã fineza, y tã grande, q̃ parece que deshaze todo quãto hasta aora emos dicho; porq̃ aunq̃ en el amor de Christo sea mayor fineza el ausentarse, q̃ el morir, la fineza de quedarse con nosotros deshaze la fineza de ausentarse de nosotros. Bien quedamos.

Con representarse esto asi, y con ser yo gran venerador de la Doctrina de S. Thomas, digo,

digo,que quedarse con nosotros,no fue la mayor fineza de su amor. Doy otra mayor; mayor fineza fue el encubrirse,que el quedarse;luego la fineza delquedarse no fue la mayor de las mayores; que fuesse mayor fineza el encubrirse, que el quedarse entre nosotros: pruebolo.

El quedarse fue buscar remedio a la ausencia, esso es comodidad:el el encubrirse, fue renunciar los alivios de la presécia,esso si q̃ es fineza. Para mayor inteligécia desta materia, avemos de suponer con losTheologos,queChristo Señor Nuestro, en elSacramento delAltar,aunque está alli corporalmente,no tiene vso , ni exercicio de los sentidos; assi como nosotros no le vemos á Christo debaxo de los accidẽtes,assiChristo no nos vê a nosotros con los ojos corporales;yporq̃ encubriẽdoseChristo en el Sacramento [aunque está presente a los hombres q̃ ama] no los vè con los ojos del cuerpo;presente tiene mayor tormento , que ausente porque essa presencia sin ver, no le es alivio sino pena.

Sabiẽdo Absalon que David hazia diligencia por prẽderle,para que pagasse cõ la vida la muerte q̃ le dió alPrincipe Amon,dize el Texto Sagrado,que se ausentó a las tierras de Iesur, fuera de la raya de Iudea:passados algunos tiẽpos,con industria deIoab,dió David licencia para q̃ Absalõ pudiesse entrar en laCorte, y dize assi el Decreto, 2.Reg. 14.vers.24 *Revertatur Absalon in domum suam,sed non videat faciem meam.* Vino Absalon, cõtinuó en laCorte,sin ver el rostro de su padre : llamando otra vez a Ioab,para q̃ tornasse a interceder por él le dize desta manera: *Quare veni de Iesur?* Porq̃ vine de Iesur dõde estava desterrado? *Melius mihi erat ibi esse*,mejor me era estàr allá. *Obsecro ergo, vt videã faciẽ Regis*, por lo qual hazed Ioab, q̃ vea el rostro de mi padre, y sino se dá assi por satisfecho, mateme antes.

Dos cosas põdero en este passo;la primera,dezir Absalõ, que mejor era estar en Iesur, que en Ierusalẽ;en Iesur estava en el desierto,en Ierusalen estava en su patria,enIesur estava lexos de David,en Ierusalẽ,sino le veía, ni comunicava,mucho menos le podia ver, ni comunicar en Iesur , pues por quê dize Absalon,que mejor le era estâr auseute en Iesur,que presente en Ierusalẽ? Direlo; aunq̃ Absalon en Ierusalen estava presente , pero con ley de no ver a su padre, aquiẽ amava,ó aquien queria mostrar que amava. *Sed faciẽ*

meam non videat, y por esso dize, q̃ mejor le era estar ausente en Iesur, que presente en Ierusalen, porque presencia con ley de no ver, es peor que ausencia: tal es la de Christo en el Sacramento, pusole assi el amor presente, mas con ley de no poder ver à los hombres, por quien se quedava, y à quien amava.

Adivinó Absalon quanto mayor tormento es para nosotros este genero de presencia, que la misma ausencia: Absalon tãto dexava de ver a David, quando estava ausente de Iesur, como quando estava presente en Ierusalen, mas no ver estando presente, ó no ver estando ausente, aunque era la misma privacion, no era el mismo dolor: estar ausente, y no ver, es padecer la ausẽcia: mas no ver estando presente, es padecer ausencia en la presencia: y si esto en las palabras es contradicion, que violencia serâ en la voluntad?

Mas vamos al segundo reparo, Dize Absalon, que le conceda el Rey licencia para verle el rostro, *vt videam faciam Regis*, y si perseverare en negarle la vista, q̃ le mate, *interficiet me*. Venid acà Absalon, quãdo David os queria matar, no os ausentastes por espacio de tres años para escapar de la muerte? Si: pues si para libraros de la muerte tomastes la ausencia por remedio, y aora que estais presente, porq̃ pedis la muerte por partido? Porque aunq̃ David cõcedió la presencia â Absalon, concedele vna presencia con prohibicion de vista, y la presencia con prohibicion de vista, es vn tormeno tanto mayor que la ausencia, que el mismo Absalon, que entonces escogio la ausencia por remedio para librarse de la muerte, aora toma la muerte por partido para librarse de tal presencia: en querer Absalõ en el primer caso antes la ausencia, que la muerte, no anduvo fino, ni parecido á Christo, que sintió mas la ausencia que el morir: mas en entender Absalõ en el segundo caso que presencia sin vista era mayor mal q̃ ausencia, anduvo muy fino, y muy discreto, y muy parecido a Christo, que assi padece en el Sacramento; pero en esta mesma semejança de Christo con Absalon hallo yo vna doctrina muy grande, y muy digna de notar: Absalon toda esta fineza hizo por amor de su padre David, mas Christo, mejor hijo de David que Absalon, auuque en el dia de oy se partia para su Padre, no hizo esta fineza solo por amor de su Padre, por amor de nosotros la hizo: *Vt transeat ex hoc mundo ad Patrem in finem dilexit.*

En fin, como el amor de Christo tenia hechos tãtos milagros por amor de nosotros, quiso tãbien hazer vn milagro por amor de si; y qual fue? Iuntar la presencia con vna cariñosa ausencia, y el mismo Christo lo dize: *Hæc quotiescũque feceritis in mei memoriam facietis*, yo quedo con vosotros en el Sacramento, quando me Sacramentaredes, acordaos de mi; prometer presencia, y pedir memoria, parece cosa encontrada, y que no avia de dezir assi; si dixera: Fuime, acordaos de mi, estava biẽ; mas dezir, quedo, acordaos de mi? Si, porque el intento de Christo era juntar en el Sacramento, la presencia, y la cariñosa soledad; lo mejor de la ausencia, es esta soledad, y lo mejor de la presencia es la vista, y Christo trocó la vista por esta cariñosa soledad. O q̃ grande razõ de estado del amor de Christo! Quiso antes ser amado por soledad, q̃ venerado por vista, porq̃ las veneraciones de la vista, disminuyẽ la cõtinuaciõ, pero las ansias del cariño, quãto mas se cõtinuan, mas crecẽ: estas sõ las razones porq̃ Christo puso la nube de los accidẽtes entre sus ojos, y los nuestros, jũtãdo en aquel Misterio para nosotros el gusto de los gustos; para si el tormẽto de los tormẽtos; y si tãto le costó el encubrirse, no ay duda: sino q̃ fue mas fineza en cubrirse, que quedarse.

§. III.

La tercera razõ, y la vltima opiniõ es de S. Chrisostomo, q̃ dize, q̃ la mayor fineza del amor de Christo oy, fue lavar los pies a sus Discipulos, y parece q̃ el mismo Evãgelista lo entẽdió assi, y quiso q̃ lo entẽdiessemos assi; porq̃ en acabãdo de dezir: *In finẽ dilexit eos*, entró luego a escrivir la acciõ del lavatorio de los pies põderãdo vna por vna todas sus circũstãcias, como si fuerã ellas la mayor prueba de lo que dezia. Esta opinion de S. Iuã Chrisostomo, tiene consigo muchos de los Padres antiguos, y modernos; mas yo digo que no fue la mayor fineza del amor de Christo el lavar los pies â sus Discipulos; doi otra maior: mayor fineza fue la causa por q̃ los lavó. q̃ el lavarlos; luego la fineza de lavar los pies a los Discipulos no fue la mayor de las mayores.

Si bien se pondera el Texto, hallaremos, que la causa porq̃ Christo lavó los pies a los Discipulos, fue ver si con está grande accion de humildad, podia ablãdar, y reducir el coraçon de Iudas: oid aora la cõsequencia de las palabras: *Et*

Moral bueno

Cœna facta cum iam diabolus misisset in cor, vt traderet eũ, surgit â Cœnæ, põit vestimẽta sua, & præcinxit se, deinde mittit aquã in peluim, & cœpit lavare pedes Discipulorũ: hazẽ horror las palabras cõ q́ el Evangelista escrive este grande caso; ved q́ peso tendrán las acciones, para batir el coraçõ mas duro; y assombrar al obstinado. Compungianse las piedras insensibles del Cenaculo, y los marmoles en q́ Christo ponia los pies, temian de horror, y assombro, y se escondian dentro de si mismos, a vista de vn espectaculo tan tremẽdo, como ver Dios lavar los pies a los hõbres; y el coraçon de Iudas mas duro no se movia, ni ablãdava; mas vamos al Texto, & *Cœna facta*, acabada la Cena, *cũiã diabolus misisset in cor, &c* Estãdo ya el diablo señor de el coraçõ de Iudas, q́ hizo? Notad la cõsequẽcia, *surgit á Cœna*, leuãtose de la mesa, *ponit vestimẽta sua*, quitose los vestidos, *præcinxit se*, ciñose cõ vna toalla. *Mittit aquam in peluim, cœpit lauare pedes Discipulorũ*, empeçó a lavar los pies a sus Discipulos; de manera, que el lavar Christo los pies a sus Discipulos; abatirse aquella soberana Mageftad a servir de rodillas en acciõ tã humilde a los hombres tan humildes, fue porq́ estaua el demonio señoreado del coraçõ de Iudas, para ver si cõ este acto, y caridad se le podia sacar de entre sus manos; y si no vedlo en el caso de Pedro. Despues q́ los assombros de S. Pedro se rindieron a las amenazas de Christo, ofreciẽdo pies, y manos, y todo; dize el señor, que quiẽ estava limpio, bastava q́ le lavassẽ los pies. *Et vos mundi estis sed nõ omnes*; y vosotros estais limpios, pero no todos, y tirauã al coraçõ en q́ se trataua la entrega: de manera, q́ el agua iba a los pies de Pedro, mas las palabras ibã al coraçõ de Iudas; mucho mas hizo Christo en la causa porq́ lavó, que en lavar, porque en la acciõ de lavar logró la obra; en la causa porq́ lavó, perdió el motiuo; lavar los pies a quien se auia de obligar, mucho fue; mas lavarlos por amor de quiẽ no se auia de reducir, fue mucho mas. Este pũto por ser tan substancial, y cierto, le quisiera yo saber ponderar con el espiritu q́ merece, y con algun fruto de nuestras almas.

Cũ iã diabolus misisset in cor, vt traderet eũ Iudas. Tenemos oy a Christo en campo con el demonio sobre el coraçõ de Iudas. Cõ quien cõpite Christo, y sobre què? Cõ el demonio, la mas vil criatura del infierno, y sobre el coraçon de

Iu-

Iudas,la mas vil cosa del mũdo todo; mas en fin era coraçon de vn hombre,no es mucho q̃ le estimasse tãtoChristo. Otra vez entróChrîsto en campaña contra el Demonio en el desierto, mas entonces entró para ser tẽtado, y para salir vencedor: oy entra, para ser cõpetîdor, y para ser vencido.HáLuzífer! que aora tienes ocasiõ mayor de sobervia, que quãdo en el Cielo te ensoberveciste tãto! En elCielo fuiste tan sobervio,q̃ quisiste competir conDios,aora puedes estár mucho mas sobervio, que quiere Dios cõpetir contigo: mucho mas alcança oy el Demonio de lo que pretendió en el Cielo;en elCielo,pretendió la semejãça; oy alcãça la igualdad; al pũto q̃ Christo cõpitió con êl,luego le igualô a si;mas ay miDios! que en aquella pelea cayó el Demonio,mas en esta os veo caido a vos, y es mucho mayor vuestra caida,de lo q̃ fue la suva entonces: elDemonio cayó delCíelo hasta el Infierno, yDios cayó de si mismo, hasta los pies de vn pecador, q̃ es mucha mavor distancia; del Cielo al Infierno, av vna distancía limitada:de Dios â los pies de vn pecador,av dos distãcias infinitas; de Dios â los hõbres,av vna distãcia infinita: de Dios al pecador ay dos; de parte de Dios vna, por ser infinita bõdad,y grandeza,y otra de parte del pecador por encerrar en si la înfinita malicia,y vileza del pecado: ved quãto se abate Dios por vn coraçõ humano.En el desierto quiso el Demonio vêr caido,y de rodillas al Híjo deDios,y para esso le ofreciô todas las cosas del mũdo: *Hæc omnia tibi dabo,&c.*Hâ espiritu engañado, y engañador q̃ no sabes vẽcer a Christo! si le quieres ver caîdo,y de rodîllas,nole ofrezcas mũdos, robale coraçones de hõbres; biẽ se vió oy, q̃ al punto que el Demonio robô el coraçon de Iudas: *Cũ diabolus iã misisset in cor*, luego le vió caîdo de rodillas: *Cæpit lauare pedes.*

Y Iudas a que se resuelve en este caso, quando Christo â si se perdia por êl? Resuelvese a perderse, quiso antes dar la vida alDemonío,que aChristo; el Demonio trîũfó del coraçõ de Iudas,yChristo retiró se vencido,y sin êl: *Cũ iãDiabolus misisset in cor,&c.*Hâ triste coraçõ! q̃ no ves quien te lleva,nî áquiẽ dexas! Pareceos que me espanto de Iudas? No me espanto del,sino de nosotros;esto que hizo Iudas vna vez,hazemos nosotros infinîtas vezes:estànos Dios pidîẽdo el coraçõ. *Fili prebemihi cor tuũ*,y nosotros tomamos nuestro

buen mozol

tro coraçõ,y damoslo al Diablo. Fieles, como nos pasmamos dela ingratitud de Iudas, y su ceguera, pasmemonos de la nuestra. Fiamos mucho de nuestros coraçones, todos ponemos la cõfiãça de nuestra salvacion en vna cõtriciõ, en vn arrepentimiento; y quien nos dize q̃ se ha de arrepentir entonces vuestro coraçõ? Quien nos dize que se ha de ablandar? Podia aver inspiraciones mas extraordinarias q̃ las de Iudas? Claro està q̃ no; pues si vn Dios llorando lagrimas; si vn Dios lavãdo los pies a vn hombre; si vn Dios puesto de rodillas; si vn Dios pidiẽdo cõternuras, y favores vn coraçõ, aun no se rinde, si con tãtos auxilios no se cõvierte vn hõbre, criado en la mayor escuela de virtudes, q̃ serâ de nosotros? Temamos mucho de nuestros coraçones; y si Dios nos dâ algun movimiẽto en ellos, sea esta la primera hora de nuestra cõversiõ, yâ q̃ Iudas, Señor, os negó el coraçõ: aquì teneis, Señor, los de todos nosotros, q̃ se os ofrecẽ rẽdidos cõ grãde resolucion, enmiendese en este dia lo q̃ la ingratitud erró en otros: sea el Demonio confuso: sed vos el vencedor, triũfando en todos nuestros coranes, yâ que en Iudas perdistes el motivo de tan grande accion: sean os Iudas motivo para no perdernos: no aya coraçon tan rebelde que no se rinda a tal fineza.

Para Viernes de Quaresma.

§. IV.

Referidas las principales opiniones de los Padres, siguese dezir yo la mia. Digo, pues, q̃ la mayor fineza de Christo oy fue querer, q̃ el amor cõ q̃ nos amó fuesse deuda nuestra para amarnos: *Et vos debetis alter alterius lavare pedes*. O; amê yo, lleguè a serviros yo [dize Christo] pues quiero q̃ me pagueis essa deuda en amaros, y serviros vnos a otros. Ved la diferencia q̃ ay entre el amor de Christo, y el amor de los hombres: el amor de los hõbres, dize asi os amê? Pues amadme: el amor de Christo dize de otro modo, os amê? pues amaos: el amor de los hõbres es interessable, quiere la paga para si: el amor de Christo quiere la paga para nosotros, y este solo es verdadero amor, lo demás es amarse: querer yo q̃ el amor q̃ se me devè a mi se me pague a mi, esso es amarme, y tal es el amor de los hõbres: mas querer yo, que el amor q̃ se me deve a mi se pague a vos, esso es amaros à vos, y tal es amor de Christo, aũq̃ Christo quiere q̃ le amemos, no dize, pagadme el amor cõ q̃ os amé cõ amarme, sino cõ amaros, y serviros los vnos a los otros: *Et vos debetis, &c.*

Es-

Eſtais eſperando las pruebas deſte amor, y primeramẽte digo, que exemplos no los ay para todas las otras finezas, hallaremos exemplos de Madalenas, de Abſalones, de Iacobes, mas para eſta fineza, ningũ exemplo ſe halla en toda la Eſcritura; y eſto miſmo es vna de las mayores pruebas de la ſingularidad de eſte amor, y fineza ſin exemplo, mas donde faltan las pruebas del exẽplo, tenemos las pruebas de la Fê, que ſon muy forçoſas.

Habla con todos los Chriſtianos en ſu Canonica el Evãgeliſta S. Iuã Gloſ. c. 4. verſ. 11. y deſpues de referir las finezas del amor de Chriſto para con los hombres en morir por noſotros, dize aſsi: *Si ſic Deus dilexit mundũ, & nos debemus alterutrum diligere*, ſi aſsi nos amó Dios, ſigueſe, q̃ nòs devemos amar vnos a otros; ay tal cõſequẽcia como eſta, y de vn Evangeliſta como S. Iuã, llamado por antonomaſia el Theologo? Amonos Chriſto, luego noſotros devemos amarle; biẽ ſe ſeguia mas Chriſto nos amó a noſotros, luego noſotros devemos amarnos vnos a otros? Si, porque como Chriſto traſpaſsô en noſotros el derecho de ſu amor, las obligaciones que le devemos a èl, ſon deudas nueſtras para amarnos. Chriſto hizonos acreedores de las deudas de ſu amor: y aſsi quando êl es el amante, avemos de ſer noſotros los correſpondidos.

Ay tal fineza como eſtâ? que ſobre ſer noſotros los amados, avemos de ſer tambiẽ los correſpondidos, nunca tal ſe viô: los hõbres dividen el amor de la correſpondencia, quîerẽ q̃ el amor ſea para el amado, y q̃ la correſpõdîẽcîa ſea para el amante: Chriſto no lo hizo aſsĩ, quiere q̃ el amor, y la correſpõdiẽcia ſea para los amados primero, que ſeamos amados por él; y deſpues que ſeamos correſpondidos por amor dêl eſte es el amor de Chriſto.

Quan grande fineza ſea eſta, ſolo lo podemos conocer por la cõſideraciõ del amor humano: el máyor dolor devn coraçõ humano, es vèr que el amor que ſe le deve a êl, ſe le pague á otro, y que ſiẽdo êl el amante, ſea otro el correſpondído, pues eſto que en el mayor amor humano es el mayor tormẽto, llegó en el amor de de Chriſto, no ſolo a no ſer tormẽto, mas a ſer precepto. *Et vos debetis, &c* mando, que el amor q̃ ſe me deve a mì, ſe pague, los hombres.

Chriſtanos, como avrâ hõbre que dexẽ de amar a otro hom-

hombre, si le está deviendo, no menos q̃ vn amor infiníto, por lo q̃ le deve a Christo? Quié en vn dia como el de oy no se haze amigo del mayor enemigo, parece q̃ puede desesperar de su salvacion, y resolverse â q̃ no es predestinado. Ay Dios! no permitais tan gran maldad entre Christianos; por el excessivo amor cõ q̃ nos amastes, que nos comuniqueis vuestra gracia, Señor, para que todos nos amemos; por la humildad con que vos os abatistes a labar los pies a los hombres, que nos deis vn conocimiento de lo que somos, para que se humillen nuestras sobervias; por aquel assõbro de rendîmientos con que estuvistes postrado a los pies de Iudas, que deis vn movimiento eficaz con q̃ todos los q̃ aqui estàn con odio, vayan luego â pedir perdõ a sus enemigos; por el precio infinito dessa sangre; por la ternura infinita dessas lagrimas, por nosotros derramadas, que nos ablandeis estos durissimos coraçones, para que solo a vos amemos, y al proxímo por amor de vos; empeçãdo en esta vida cõ vn tã fino, y firme amor, q̃ se continue en la otra por toda la eternidad, viendoos, amandoos, adorandoos, no ya ausente, mas presente; no con ojos cubiertos, mas cara â cara; no con las dudas de nuestra gracia, mas con las seguridades eternas de essa Gloria. Ad quam, &c.

LAVS DEO.

CON LICENCIA.
En Madrid: Por Julian de Paredes, Impressor de Libros.
Vendese en su casa en la Plaçuela del Angel.